

VIDAS PARALELAS

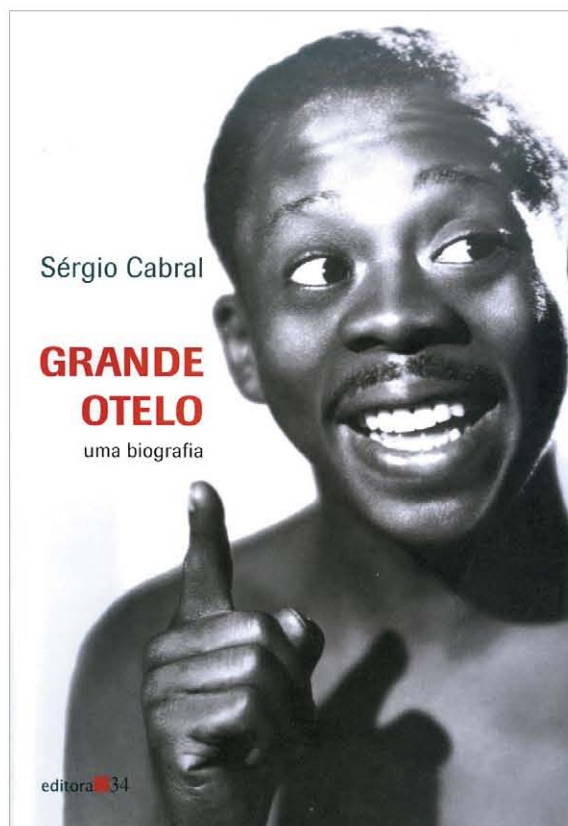
O cinema de ficção, sabemos todos, nasceu com Georges Méliès, mágico profissional. Mais tarde, já nos Estados Unidos, onde a indústria de filmes se firmou, percebemos que um bom número dos grandes comediantes do silencioso veio do mundo do circo ou do teatro de variedades: Charles Chaplin, Buster Keaton, Mabel Normand, Fatty Arbuckle (Chico Bóia), Max Linder, Harold Lloyd. Não podia ter sido diferente no Brasil, onde a atividade cinematográfica foi primeiro exercida por imigrantes e aventureiros, e são também numerosos os que possuem origem burlesca. Entre os atores, então, nem se fala.

Digo isso porque foram recentemente publicadas as biografias de três dos atores mais importantes do gênero chanchada, e que também começaram nesse mesmo ambiente artístico. Sua leitura extrapola os dramas particulares, abrangendo toda uma época e as muitas atividades que cada um exerceu. A que mais nos interessa (cinema) e pela qual os biografados ficarão preservados para o futuro, é, paradoxalmente, quase secundária em suas carreiras. Na verdade, eles ajudaram (e muito) a construir o cinema brasileiro, não foram construídos por ele.

O gênero biográfico, até pouco tempo atrás considerado literatura menor, quando bem pesquisado e escrito pode ajudar bastante na compreensão de épocas passadas, remotas ou não. É verdade também que as biografias de atores raramente alcançam um bom nível, o mais das vezes escritas por fãs, faltando objetividade e sobrando fofocas. Não é o caso das que vamos aqui comentar, todas interessantes e bem ilustradas, embora bem desiguais.

Oscarito, o riso e o siso (Editora Record, 2007), de Flávio Marinho, padece de pouca pesquisa e muita opinião. Sentimos falta de uma listagem das peças de teatro onde o biografado atuou, como existe dos filmes. Uma especulação sobre a suposta vida extraconjugal do ator fica na insinuação, sem citar um nome sequer. O que é isso? Censura da família? Mas há bons depoimentos, que permitem reconstituir a trajetória de Oscar Lourenço





Jacinto de la Imaculada Concepcion Teresa Diaz (1906-70), nascido na Espanha numa tradicional família circense, e que venceu primeiro no picadeiro, depois no palco e finalmente, já quase maduro, no cinema. Por não seguir uma cronologia de fatos, o biógrafo dificulta a fluência da leitura, pois o agrupamento temático também não é rigoroso, antes confuso. Deixa a impressão de uma obra que merece ser reescrita pelo próprio autor, mas que apesar das falhas, precisa ser lida.

Já Sérgio Cabral, autor de *Grande Oтелo, uma biografia* (Editora 34/Sesc, 2007), teve mais sorte. Acesso irrestrito ao meticuloso arquivo do seu biografado, e uma pequena, mas competente, equipe de pesquisadores. Assim realizou o seu melhor livro até agora, conseguindo nos passar a maioria das contradições tragicômicas de Sebastião Bernardes da Costa, dito Sebastião Prata, vulgo Grande Oтелo (1917-91), nascido em Uberabinha, hoje Uberlândia (MG). Criança prodígio do teatro burlesco, *entertainer* dos grandes cassinos, ele foi não apenas um grande ator como também um grande personagem. Não foi à toa que protagonizou dois longos inspirados em sua própria vida, *Moleque Tião* e *Dupla do barulho*, enquanto Oscarito, com seu comportamento reservado, foi um cidadão bem menos interessante.

Ankito: minha vida, meus humores (Funarte, 2008) foi escrito por Denise Casais Lima Pinto, a última esposa do ator. Por não ser ela uma intelectual, a obra tem um estilo mais sincero e menos pretensioso, o que longe de ser um defeito, é uma das suas principais qualidades. Bem mais jovem que os outros dois, o paulista Ankises Pinto, o Ankito (1924-2009), também veio de uma família tradicional do circo. Foi sobrinho do célebre palhaço Piolim, citado por tantos intelectuais (Mário de Andrade, Paulo Emílio e outros) como exemplo de artista popular. Antes de ser ator, foi acrobata, recordista do Globo da Morte e co-astro do número *Prelúdio das estátuas de ouro*. Como sabíamos muito menos da sua vida que da dos outros dois, são informações preciosas para um pesquisador.

O final de cada um foi um resumo pungente de suas próprias vidas. Oscarito (47 longas, 130 peças de teatro), sofrendo de grave depressão e com problemas vocais, melancólico e conservador, controlado pela esposa, em pleno

ostracismo. Faleceu subitamente de enfarto aos 64 anos, em casa, ao tentar repetir uma pequena acrobacia do seu velho repertório. Sua principal característica foi a modéstia, dispensando boas oportunidades no exterior para não se afastar da família. Grande Otelo (118 filmes, 94 peças), espantoso e exibicionista, faleceu aos 74, de aneurisma, num avião rumo à França, onde seria homenageado no Festival de Nantes. Trabalhou com cineastas importantes como Orson Welles, Werner Herzog, Marcel Camus, Carlos Diegues, Júlio Bressane, Nelson Pereira dos Santos e Paulo César Saraceni, fora os mestres da chanchada. Ankito (32 filmes, 23 peças), perfil bem mais discreto, de um câncer fulminante no pulmão, aos 85, ao lado da última esposa, jovem atriz com quem mambembava pelo interior com um repertório de comédias eróticas.

Um detalhe a reparar é o paralelismo entre essas três vidas. Mais de uma vez trabalharam no mesmo local, sem se cruzar. De repente, no cinema, surgiram as duplas Oscarito e Grande Otelo (9 filmes), e, posteriormente, Ankito e Grande Otelo (12 filmes). Aqui cabe uma pequena digressão sobre dois tipos existentes no circo, que servirá para esclarecer a existência dessas parcerias. Existe o palhaço branco, aristocrático, com bela voz e chapéu de cone, que representa arquetipalmente o Poder. E existe o palhaço colorido (ou excêntrico), de nariz de bolota vermelha e sapatos descomunais, que representa a Anarquia. Descendem diretamente do Pierrô e do Arlequim da *commedia dell'arte*. Na verdade, apesar das vestimentas luxuosas, o palhaço branco é uma escada para as histriônicas do excêntrico, vestido de farrapos. Fellini dedicou a eles um de seus filmes mais comoventes, *Os palhaços*, de 1970. Na chanchada, eles ressurgem sem muita disputa interna, transformados numa dupla de trapalhões, cuja função principal é ajudar o casal romântico contra o vilão, conduzindo a trama. O improviso e a carnavalização desse tipo de interpretação estão muito bem exemplificados na paródia de Romeu e Julieta de *Carnaval no fogo*, de 1947, tão cinema quanto quadro de revista.

Quem não gosta de chanchada aponta como um dos seus principais defeitos o abuso dos trejeitos na interpretação dos comédicos, que não seria 'cinematográfico'. Ora, o exagero e a caricatura são a própria essência dos artistas

populares. Principalmente nos oriundos do circo, como Oscarito, Ankito, Costinha, Dercy Gonçalves e Violeta Ferraz, acostumados a trabalhar sem microfone e com iluminação precária para plateias semi-analfabetas da periferia ou das áreas rurais. Como as chanchadas não buscavam o realismo, mas a sátira, cai bem. Já outros, como Grande Otelo, que tiveram nos palcos das revistas ou do *music-hall* o seu aprendizado, com melhor suporte técnico e plateia da classe média, são menos careteiros, menos acrobáticos, mais irônicos e sofisticados. O mesmo se dá com os que vieram do rádio. Zé Trindade, por exemplo, tem um gestual contido, compensado por mil e uma intenções na voz.

Hoje o humor é diferente. E os filmes também. E as chanchadas se tornaram registros preciosos de um tipo de interpretação que não mais existe, fora do tom e de moda. Mas não esqueçamos que foi a base econômica do cinema nacional durante quase três décadas.

